

LAVAL, Christian. *A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*. Londrina: Editora Planta, 2004.

*Alexandre Barbosa Fraga**

Christian Laval, em *A Escola não é uma empresa: o neo-liberalismo em ataque ao ensino público*, está mostrando que a educação e a escola vêm passando por transformações no sentido de incorporar a ideologia neoliberal às suas dinâmicas e ao discurso sobre a sua reforma. A escola republicana voltada à formação do cidadão e que destacava o saber não somente pelo seu valor profissional, mas por seu valor social, cultural e político, vem sendo substituída por uma escola voltada à formação de "capital humano", ou seja, de conhecimentos apreendidos pelos indivíduos desde que sejam valorizáveis economicamente. Uma escola que cada vez mais se insere na ordem competitiva de uma economia globalizada.

O autor estrutura seu texto de forma a nos apresentar a uma nova ordem escolar que considera a educação um bem essencialmente privado no qual o valor econômico é preeminente. O seu intuito é traçar a configuração geral do que seria a escola neoliberal. Embora esteja tratando do sistema educacional francês, fica claro que a sua preocupação é com o sistema capitalista em geral. Com a globalização das economias, a educação de um país se tornou um "fator de atratividade" dos capitais, como, por exemplo, é

* Graduando do curso de Ciências Sociais da UFRJ e bolsista PIBIC/UFRJ/CNPq. (alexbraga@yahoo.com.br)

a sua estabilidade política. Dessa forma, as reformas liberais pressionam os países a adotarem na escola a padronização dos métodos e dos conteúdos. A escola está sendo levada a se adaptar à economia capitalista e à sociedade liberal.

Laval utiliza como fontes que demonstrem que a "reforma das escolas" de muitos países está ligada ao discurso de uma nova ordem educativa mundial, relatórios e documentos de organizações internacionais, como a OMC, a OCDE, o Banco Mundial e a Comissão Européia. De forma que "nunca havia sido tão claro que um modelo homogêneo podia se tornar o horizonte comum dos sistemas educativos nacionais e que seu poder de imposição viria justamente de seu caráter mundializado" (Laval, 2004: XIV).

Segundo o autor, a instituição escolar está passando por uma mutação que se verifica através de uma desinstitucionalização, desvalorização e desintegração. A escola perde estabilidade e autonomia relativa, e vê o seu objetivo com a expansão pessoal ser substituído pelo da inserção profissional em meio a essa valorização exacerbada do econômico em detrimento dos demais valores.

Para Laval, o capitalismo passa por uma mutação desde os anos 1980, com a mundialização das trocas, privatização das empresas públicas, diminuição da proteção aos assalariados, desengajamento do Estado, entre outras transformações. O neoliberalismo quer adaptar o sistema de educação a esse novo contexto da organização do trabalho mais "flexível", quer enfraquecer "tudo o que faz contrapeso ao poder do capital" (Laval, 2004: 14). Dessa forma, a escola neoliberal passa a transformar a educação de um dever do Estado em um dever da família, ou seja, da esfera pública e coletiva para a esfera privada e individual. Nesse novo modelo escolar e educativo, a escola está sujeita à razão econômica.

A razão de ser da escola, cada vez mais, passa da distribuição do saber, para entrar na lógica do mercado. A quantidade e a qualidade dos conhecimentos passados na escola perdem

importância. As competências de base comercializável passam a ser o foco, ou seja, a escola forneceria as ferramentas necessárias para que os indivíduos fossem capazes de continuar a sua autoformação, dotaria-os apenas de um saber prático. Dessa forma, a escola estaria adaptando as pessoas às necessidades do mercado e às transformações econômicas.

A "mercantilização da educação" não se manifesta apenas na tentativa de transformar a escola em uma fornecedora de mão-de-obra adaptada às necessidades da economia. Ela se manifesta de outras maneiras, como, por exemplo, nos Estados Unidos, onde muitos alunos são alvo de uma exposição direta à publicidade no espaço escolar, seja através de faixas de empresas nos corredores ou através da obrigatoriedade de assistir ao canal Um e a seus anúncios publicitários, uma rede privada de televisão, na sala de aula.

A administração da escola, ao passar da regulação estatal para a regulação do mercado, leva "ao desaparecimento do estabelecimento de bairro, polivalente e socialmente misto e acentua, inversamente, a polarização social e racial" (Laval, 2004: 163). Mas a escola neoliberal não está plenamente instalada e convive com contradições. A maior delas é que ela ataca os valores que dão sentido ao aprendizado, quer passar dos valores culturais ao valor econômico.

Laval faz uma ótima análise de como a ideologia neoliberal vem transformando a escola em "empresa". Um processo que, embora iniciado, não está terminado e nem é inevitável. "Na nova ordem educativa que se delinea, o sistema educativo está a serviço da competitividade econômica, está estruturado como um mercado, deve ser gerido ao modo das empresas" (Laval, 2004: XX).

O autor não propõe uma alternativa ao neoliberalismo na escola, já que seu livro não tem essa pretensão. Mas o que ele certamente defende é que a educação deve ser um direito para todos e voltar a ser entendida como um bem público e comum. Sendo

necessária uma "maior igualdade das condições concretas de ensino para todos os alunos" (Laval, 2004: 321).

Dessa forma, ler esse livro é entender a transformação que a educação vem sofrendo no sentido de, cada vez mais, se tornar apenas uma mercadoria oferecida no mercado a quem puder comprá-la, mas mais do que isso, esse livro nos desperta para a internacionalização da educação no sistema capitalista, algo, como demonstrou o autor, tão presente no discurso de organizações internacionais. O capitalismo e a ideologia neoliberal querem, mais do que nunca, inserir a educação na lógica de mercado, padronizando-a por entre os países e somente importando-se em enxergá-la como um valor econômico.